

**NERUDA  
E O  
ALBATROZ  
ASSASSINADO**

**A  
FALÊNCIA  
DO  
ENSINO**

**ÁFRICA,  
3º MUNDO E  
A BATALHA  
DO FUTURO**

**debate/cinema  
ROSEMBERG:  
TESTAMENTO  
DOS 30 ANOS**

# CRÍTICA

Ano 2/Nº 60

29/9 a 5 de outubro de 1975

Cr\$ 4,00

# OPOSIÇÃO:



# A

# LUTA

# CONTINUA

# Depois da tanga, Ipanema anuncia a sua próxima atração.



Máxima Comunicação



O Everest Rio Hotel é a nova moda que Ipanema lançou para você usar de inverno a verão. Cada um de seus 176 apartamentos tem ar condicionado, mini-bar, telefone, televisor e música ambiente. A piscina e o "Garden Bar" estão na cobertura, para você apreciar uma das mais belas vistas de que se tem notícia: a praia de Ipanema de corpo inteiro, o Leblon, a Lagoa e o Corcovado.

O restaurante "La Casserole" e o coffee shop "La Crema" são duas outras atrações tentadoras. O Everest tem ainda serviço de sauna, fisioterapia, ducha e massagem, dois salões sob medida para festas e reuniões e tudo o que você pode esperar de um hotel de nível internacional. Na sua próxima vinda ao Rio venha conhecer o Everest. Um hotel à altura das boas coisas de Ipanema

## everest rio hotel

O hotel com o charme de Ipanema.

Rua Prudente de Moraes, 1117 - Tel.: 287-8282 - Ipanema - Rio de Janeiro

**JÁ INAUGURADO**  
A mais nova opção em Hotel

## CARTAS

### Defesa da democracia

Estamos sensibilizados com a atenção que nos vem dispensando através da oportunidade que nos tem proporcionado, desde que passamos a ler o jornal Crítica, que muito tem favorecido nossa causa, dando uma idéia mais ampla do que vem ocorrendo com relação aos diretórios e finalmente servindo muito mais para nos atualizarmos com as inovações que vem sofrendo dentro de uma sistemática que garante cada vez mais o fortalecimento da nossa democracia. Nós daqui, nos congratulamos com os correligionários de todo o Brasil, a fim de continuarmos cada vez mais fortes e, procurarmos evitar qualquer tipo de discrepância, no sentido de defendermos a nossa democracia sem trepidar, especialmente com aqueles que lutam para dar ênfase a seu ideal político e por um amor nacional.

Francisco Luís de Sousa  
Presidente da Executiva  
Municipal do MDB  
Amarante - Piauí

### Candidato a Moçambique

Sou estudante de jornalismo e tenho, devido à minha ascendência negra, especial interesse a tudo que diz respeito à África. Com grande satisfação, tomei conhecimento do artigo sobre a independência de Moçambique publicado no número 49 e assinado por Márcia Rodrigues. Cheguei a invejar a participação da referida jornalista naquela heróica comemoração. Gostaria de conhecer o jornalismo que se faz por lá e também fazer contatos com estudantes. Será que posso contar com a colaboração da Márcia.

José Carlos de Andrade  
São Paulo - SP

(Sua carta foi encaminhada à nossa correspondente na Europa)

## CRÍTICA

DIRETOR  
GERARDO MELLO MOURÃO

DIRETOR-SUPERINTENDENTE  
Eriwan França

ADMINISTRAÇÃO  
Gerente Administrativo  
T. C. Santos

PAGINAÇÃO  
Maria José da Silva

CAPA: Wagner  
PUBLICIDADE  
Av. Rio Branco, 156 - 12º and.  
sala 1222, tel. 242-7395

ASSINATURAS  
- Brasil: um ano Cr\$ 200,00  
6 meses Cr\$ 100,00  
- Exterior: um ano US\$ 50,00  
6 meses US\$ 30,00

● Artigos assinados são da responsabilidade de seus autores.  
● A redação não se responsabiliza por manuscritos que lhe sejam enviados.

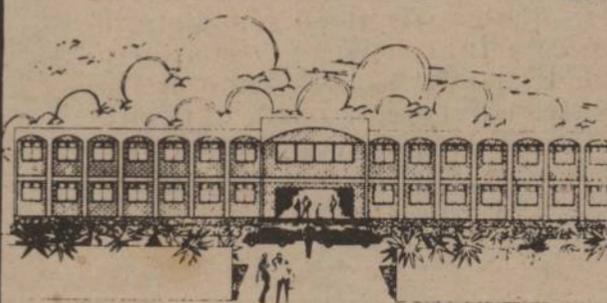
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
Arca Editora e Gráfica S. A.  
Rua Equador, 702, Rio (RJ)  
Telefone: 223-1715

DISTRIBUIÇÃO:  
Abril S/A - Cultural e Industrial  
Rua Emílio Goeldi, 545/747  
São Paulo - SP

### CRÍTICA

É propriedade da Editora Crítica Ltda.  
Av. Rio Branco, 156, 12º andar,  
sala 1222, telefone 242-7395

## hotel Lorena



- 50 APARTAMENTOS
  - AR CONDICIONADO
  - TELEFONES EM TODOS OS APARTAMENTOS
  - PISCINA
  - TV OPCIONAL
  - COFFEE SHOP
  - RESTAURANTE
  - ESTACIONAMENTO PRIVATIVO
- Jardim Iracema - Lote 27 - Piatã  
(Junto à Churrascaria Alex)
- Reservas: Telefone 8-9139  
Salvador - Bahia - Brasil

## BRAGA'S

cabeleireiro para homens



O Braga's foi pioneiro no Brasil e continua na liderança, com o mais completo salão de estética masculina. Uma equipe de profissionais composta de cabeleireiros, esteticistas e calistas, está à disposição do homem moderno no centro do Rio de Janeiro. Do tratamento dos cabelos à limpeza de pele, o Braga's cria um novo homem.

BRAGA'S O PONTO DE ENCONTRO DA ELEGÂNCIA MASCULINA

Avenida Rio Branco, 156 - S/loja 240 e 246 - Ed. Av. Central.  
Telefone: 231-0490 - Rio de Janeiro/RJ



Salvá:  
"Não sou filho da classe média".

CINEMA

# A CONSTRUÇÃO DE UMA CARREIRA

"Faz tempo que deixei de olhar os filmes independentemente um do outro. Como dizia Glauber: "Não faço filmes. Construo uma carreira." Subcrevo estas palavras."

O realizador hispano-brasileiro Alberto Salvá - que tem em cartaz «Ana, a libertina» e vai estrear brevemente «Os maníacos eróticos» - fala a Crítica sobre sua filmografia e seu novo projeto, «Gente fina é outra coisa»: "Será um filme acerca da empregada e da patroa. Colocará o conflito de classes, numa abordagem que me parece nova. Será uma fita barra pesada, muito mais que qualquer outra coisa que tenha feito até agora. Mais sangrento e terrível que «Ana, a libertina» (que é dose cavalari) e mais sério que «Um homem sem importância» (1971).

Salvá já trabalhou sobre a ampla variedade temática - o filme infantil («As quatro chaves mágicas», 1971), o policial («Revólveres não cospem flores», 1972), o "lumpen-proletariado" (episódios de «Como vai, vai bem?», 1969) e até a pornochanchada («A cama ao alcance de todos», 1969).

- Tenho várias linhas de cinema, coisa que expliquei numa reportagem ainda maior da qual você receberá uma cópia, espécie de posicionamento artístico. E uma dessas linhas é o Homem, à semelhança do episódio do casal em «Como vai, vai bem?». Essa temática de raízes populares me atrai sempre, porque não sou filho da classe média, mas do operariado imigrante. Por isso tenho uma visão a partir de baixo. Sempre voltarei a filmes como «Um homem sem importância». «Gente fina é outra coisa», referido acima, sobre uma empregada, já é um exemplo.

## Censura e mercado

O realizador de 36 anos acha difícil falar sobre o cinema brasileiro atual.

- Cada cineasta faz o que pode. O autor sério, devido à censura e à retração do mercado relativamente ao tipo de filme

que ele gostaria de fazer, se refugiou em esquemas. Por exemplo: Joaquim Pedro fez «Guerra conjugal», que não considero um bom filme, mas era o melhor que ele poderia fazer naquele momento, naquelas circunstâncias. Néelson Pereira dos Santos lançou «Amuleto de Ogun», fita supervalorizada, mais importante pela intenção que pelos resultados. Mas salvou a honra dele.

- Já «A rainha diaba», de Antônio Carlos Fontoura, acho mais bem sucedido. É um filme bom, às vezes fascinante, me apaixonou mesmo. Gosto demais desse trabalho de Fontoura: ele conseguiu se safar integralmente. Mas é exceção. Outra película que me impressionou foi «Os condenados», de Zelito Viana, um cineasta que pessoalmente me escorrega entre os dedos - não consigo pegá-lo, falar com ele. Dá a impressão de não ser uma pessoa séria, mas de repente faz um filme extremamente bonito, íntegro. Mas é um "cano" (no sentido de bilheteria).

- Falando desses quatro diretores, falo da fina-flor nacional, dos que têm alguma coisa a dizer e das suas dificuldades. A gente percebe que eles estão cortados, castrados - com raras exceções, não conseguem realizar os seus trabalhos.

- Outro tipo de filme é o cinema-canastrão - aquelas besteiras de produtores cujos nomes não adianta citar. Há também o cinema pornô, ruim, feio, abjeto, infelizmente dominando o mercado. A realidade é essa. Acho que se a gente não começar a colocar um substrato cultural, um molho artístico subjacente ao nosso cinema, é difícil sobreviver.

- Estamos num período de euforia e desenvolvimento da indústria cinematográfica, baseados inclusive nesse tipo de chanchada pornô, mas não podemos esquecer que nenhum tipo de cinema mundial se firmou por motivos puramente industriais. Os cinemas americano, francês, italiano, soviético, japonês, se firmaram porque tinham uma base cultural. Erigiram algumas verdades sociais e em cima disso montaram a máquina. Conosco ocorre o contrário: nossas verdades não

podem ser manifestadas, e o que dizemos - ou seja, o que os chanchadeiros dizem - não é nada, é besteira.

## O que é udigrude?

Para Alberto Salvá, o udigrude (cinema marginal "underground") não existe. "Julinho Bressane e Rogério Sganzele - por quem tenho o maior respeito - fizeram 12 filmes e conseguiram exibir três. O udigrude é também Neville d'Almeida: «Piranhas do asfalto», exibido, e «Jardim de guerra», projetado numa seção quase incógnita. Ou «Possuída dos mil demônios», de Fred (Carlos Frederico), que igualmente quase ninguém viu. Contudo, esses filmes são importantes, sejam na bitola 8, 16 ou 35 mm. Tenho «Um homem sem importância» nas mesmas condições. Ganhava sessões especiais, passou no Metro uma semana, mas quem queria ver um ator chamado Oduvaldo Viana Filho num filme preto e branco?"

- O udigrude é legal, a gente faz. Mas estou mesmo em cinema comercializável. Filme experimental é outra coisa, um papo à parte. Acho "underground" muito importante, mas economicamente é inviável. Quando realizamos um, dois desses filmes abrimos falência, e fica tudo por isso mesmo. Fita sem mercado não dá pé.

## Brincadeira de quintal

«Os maníacos eróticos» está pronto há quanto tempo?

- Há quatro meses. É um filme com Stepan Nercessian, Sandra Barsotti, Moacir Deriquém, Domingos Oliveira, a mulher dele Lenita Ploncinska, Dilma Lóes, eu e minha mulher Teresa Trautman. Fiz em Teresópolis, onde estava morando e onde tinha moviola, material etc. Se fosse definir «Os maníacos eróticos» diria: "É um filme em super-8 realizado em 35 mm".

- Tem um descomprometimento natural que o torna uma brincadeira no fundo do quintal de casa. Mas por ter sido feito de maneira tão largada, acho que acabou passando muito dado pessoal e de vida. Acontecia uma coisa comigo hoje, amanhã eu filmava. É uma espécie de «Oito e Meio», de Fellini, guardadas as distâncias. Tem também uma estrutura semelhante a «As férias do senhor Hulot», de Jaques Tati, outra vez guardadas as distâncias.

## Personagens marginais

«Ana, a libertina» acusa a mesma pobreza material?

- Não. Nesse filme, pela primeira vez em minha vida, tive uma aparelhagem industrial que usei da melhor maneira possível. Empreguei tudo que me foi dado: lentes, gruas, zooms motorizadas, equipe grande, atores de nome etc. Tive tanto filme que usei parte dele para desenvolver uma técnica aprendida na televisão, de filmagem rápida. Embora não seja uma fita de autor, o que me interessa em «Ana, a libertina» é toda uma preocupação com personagens marginais vividos por Marília Pera, Stênio Garcia, Rafael de Carvalho e Wilson Grey - todos inconformados com sua situação. O delegado por exemplo, está saturado com seu trabalho, é um homem com sensibilidade demais para

enfrentar aquela barra. São pequenas coisas, dados pessoais, toda uma visão de mundo colocados no filme.

## Como está o elenco central?

- Olha, Marília é uma atriz com quem tive muitas dificuldades. É uma pessoa muito difícil. Além disso, nem eu nem ela estávamos numa boa fase na época. Profissionalmente falando, contudo, estou muito satisfeito: é uma excelente intérprete e rigorosa em seus compromissos. Os resultados foram bons. Já Edson França (o delegado) é uma pessoa preguiçosa: usei muito esse lado dele no filme. Acho-o bom, e estou satisfeito por ter sabido manobrá-lo. Situei o personagem no cansaço da profissão. Edson é um cara que a gente filma, ele faz tudo errado, porque não gosta de ensaiar. Mas quando vai se ver o resultado na tela, está tudo certo, porque ele segura. Tem uma estrutura física masculina que segura a barra do personagem.

- O papel de Daniel Filho não é exatamente o que eu pensava: queria um aristocrata e acabou saindo um "nouveau riche". Mas é muito bom o que ficou, porque Daniel gosta de ser ator e diretor, ajudando e criando coisas para ele. Deu "força" ao filme. Quanto a José Wilker, pensei que não tivesse feito a bicha que eu esperava. Mas quando vi a fita na montagem, me convenci do contrário.

- Roberto Bonfim (o detetive Hamilton) é um dos atores com quem mais gosto de trabalhar. É uma pessoa muito amiga e compõe esses tipos maravilhosamente bem. Mais tarde mostrei o filme a um amigo que conhecia o detetive condenado Néelson Duarte e ele disse que era exatamente aquilo. Eu e Roberto não conhecíamos Néelson Duarte: foi espiritismo.

- Wilson Grey é um sujeito com quem já trabalhei em cinema e TV muitas vezes. Acho que é um cara mal aproveitado, para o qual ninguém escreve um filme especialmente. Em «Ana, a libertina» faz um personagem perfeito. Wilson é acima de tudo gente, e gente é o que está lá na tela. Ele não é o tipo para fazer papel de mau. É para fazer aquele personagem de "Ana", desgraçado, fraco, vulnerável.

- Stênio Garcia ganhou um papel que no roteiro era o melhor do filme, embora fosse pequeno. É um personagem fascinante: quando aparece o público rola de rir, identificado com ele. Trata-se do ladrão íntegro, do Robin Hood. Mas Stênio fez outra coisa: não era aquilo que eu queria. Cheguei na filmagem a ficar um pouco desgostoso de não conseguir moldar Stênio, e deixei-o fazer o que desejasse. O diabo é que ele é um excelente ator e muito gente também. Se esqueço o que tinha pensado, o que ele fez é expressivo.

- Poderia falar de outros atores, mas vou ficar apenas na Írma Álvarez, que é uma ótima atriz. Um pouco insegura talvez, desigual, mas tive tempo para dirigi-la. O que ela tem de bom, e não é pouco, apareceu. O olho dela no filme é sofrido, denso de expressão. Há também Annik Malvil e Rafael de Carvalho, escalados para minha próxima fita, «Gente fina é outra coisa».

ALBERTO SILVA



O delegado (Edson) vê a assassina (Marília)

# UM PROJETO CULTURAL PARA O RIO

PAG - Tanto em termos de recursos como em termos de critérios, o atual Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, não se refere aos dois órgãos similares existentes nos antigos do Rio de Janeiro e da Guanabara. Os critérios terão que ser reavaliados, de modo que é muito possível que ainda este ano não tenhamos condições de realizar, dentro dos novos moldes que propomos, algumas promoções, entre elas a Mostra de Artes Visuais do Rio de Janeiro. Isso, absolutamente, não pode ser visto como um fracasso, pois talvez até fosse mais fácil optar por um certo imediatismo e promover a mostra apenas para que ela não tivesse solução de continuidade, quando diante da revisão a que estamos procedendo é até possível que, em futuro não remoto, ela volte revigorada e com uma significação mais abrangente que a dos primeiros anos de sua realização, pois não pretendemos abrir mão da experiência colhida nos primeiros anos em que ela foi promovida.

C - O Instituto de Belas-Artes que, por peculiaridades de sua estrutura, deixou de ser agregado à UEG, quando da criação do antigo Estado da Guanabara, até hoje não tem reconhecidos seus diplomas, inclusive aqueles que, teoricamente, habilitariam professores de arte para o magistério superior. Como sua administração encarará o problema?

PAG - O problema do IBA não é só do IBA, que, aliás, passará a chamar-se Escola de Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro e integra-se agora à rede de escolas de formação artística do Estado, juntamente com a Escola de Música Villa-Lobos, que incorporará também a estrutura da antiga Escola de Canto Lírico Carmem Gomes, a Escola de Teatro Martins Pena, a Escola de Dança, que funciona no anexo do Teatro

Municipal e, dentro da estrutura nova, uma coisa que está sendo criada por nós, agora, uma Escolinha de Arte, elemento-base de um sistema de educação artística que se chamará Centro de Arte e Criatividade Infante-Juvenil. Creio que esse é um dos pontos mais positivos do novo programa de ação.

Visitei outro dia a Escola de Teatro Martins Pena, cujo problema conheço mais peculiarmente, por ser um homem ligado a teatro. É um problema semelhante ao do IBA, que, aliás, ainda não tem alguns cursos reconhecidos, inclusive de nível superior. Tive oportunidade de discutir com professores e alunos as seguintes questões: até que ponto deve ser profissionalizante uma escola de arte do Estado? Até que ponto essa profissionalização diz respeito à existência de um mercado que absorva essa mão-de-obra especializada e com diploma? E sobretudo o velho problema: até que ponto faz sentido (e disso posso falar com liberdade, pois sou um artista e artista sem diploma) diplomar artistas?

Então, como tudo, por enquanto, aqui no departamento, o problema está deflagrado, está sendo discutido. Acho que há nele uma componente de natureza socioeconômica: não se pode esquecer a existência de pessoas que fizeram esses cursos com vistas à habilitação ao magistério. Sobretudo porque o problema da educação artística é gravíssimo ao nível de primeiro e segundo graus. No primeiro bem mais ainda porque a legislação pressupõe a existência de professor de educação artística polivalente e é difícil encontrá-lo, é difícil até formá-lo. Bem mais difícil que o professor especializado, a quem caberá a tarefa no ensino de segundo grau.

Não se ignorará, absolutamente, o problema de reconhecimento de cursos. Ocorrerá

Três números atrás denunciávamos a não realização da Mostra de Artes Visuais do Rio de Janeiro este ano. A esse respeito temos agora a palavra de Paulo Afonso Grisolli, Diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação. Do enfoque deste e de outros temas dessa área, fica uma idéia de como o governo estadual vê alguns dos nossos mais urgentes problemas culturais.

isso e ocorrerá ao nível até de atendimento de emergência quanto ao problema da formação de professores de educação artística, por exemplo. Não se dará peso exclusivo ao problema de diploma ou não diploma nas escolas. Ao contrário, o que se planeja a médio prazo a respeito delas é chegarmos a constituir uma coisa que poderíamos chamar, entre aspas (porque a expressão tecnicamente é condenada) de "universidade livre de arte". Ou, pondo de lado esse nome inadequado, nosso projeto fala a respeito da criação de um Centro Integrado de Arte e Criatividade, a partir da junção num único "campus" - fisicamente definido, inclusive - de todo esse potencial de escolas artísticas do Estado, em que poderiam funcionar cursos inteiramente livres.

C - A criação desse organismo está em termos de idéia ou de projeto?

PAG - De projeto, já. Pretendemos aproveitar a estrutura das escolas montadas e partir para a criação de cursos regulamentados, capacitando, inclusive, professores de educação artística. Esse é um dos mais complexos e mais bonitos planos que a gente tem aqui no departamento. Não esqueceremos o aluno; não queremos impor nenhum modelo; a gente não está afirmando que deva ser assim ou assado, mas estamos dispostos a abrir um diálogo com os corpos docentes e discentes das várias escolas, no sentido de detectar quais são os problemas reais de formação dessa gente. É um projeto que espera muito em termos de sugestões, de participação, de abertura e, necessariamente, de crítica.

Ainda me referindo à sua pergunta anterior, a educação artística em nível superior no Estado do Rio deverá habilitar professo-

res, sem dúvida; o que não podemos ter é a pretensão de resolver, num passe de mágica, um problema de mais de dez anos. Inclusive porque estamos deparando, na maioria dessas escolas, estruturas viciadas sob vários aspectos, com todo o respeito que eu possa ter por vários trabalhos isolados desenvolvidos dentro dessas instituições. O problema da regulamentação decorre até mesmo disso, às vezes.

C - Ao falar em estruturas viciadas a que aspecto se refere mais exatamente e que soluções vê?

PAG - Darei apenas um exemplo: uma escola dessas ensina música instrumental, outra ensina canto, uma terceira dança, etc. Em cada uma delas existe, teoricamente, uma cadeira de história da arte, que, na verdade, na Escola de Dança é história da dança, no IBA é história das artes visuais e assim por diante. Quanto às soluções, creio que o fundamental é contar com essas escolas umas às outras, de modo a se dar ao aluno não apenas uma visão didática, mas um enfoque cultural, genérico, histórico da arte. Por que não podemos ter uma cadeira comum de história da arte preparando polivalentemente esse artista ou esse futuro professor, instruindo-o e juntando essas escolas num "campus" que seria um grande ateliê popular de criatividade e arte?

C - Apresentando em muitos aspectos, uma posição semelhante e não raro vantajosa quanto à de São Paulo, em termos de mercado de arte, vida universitária, tradição cultural, o Rio vem perdendo terreno de forma sensível, sem que o governo estadual tenha proposto nenhum plano de ação capaz de voltar a justificar o hoje chavão de capital cultural do país. Por quê?

PAG - Burocraticamente, o decreto que criou a Secretaria de Educação e Cultura instituiu um Departamento de Educação, um Departamento Administrativo e um Departamento de Cultura, além de alguns órgãos de apoio técnico como o Centro de Recursos Humanos etc. Na área da educação foi possível mobilizar todo um aparelho que já existia, pois as escolas aí estão funcionando. Os técnicos de planejamento da secretaria vêm estudando e determinaram, até agora, que órgãos, dos dois extintos Estados, o Departamento de Cultura absorverá. Estamos à beira de ter um regimento publicado, o que nos dará a possibilidade de mobilizar um estafe para planejar e executar. Por enquanto, a atuação do Departamento de Cultura tem sido fruto de muita imaginação e boa vontade, inclusive de pessoas que virão a constituir o nosso estafe, mas que ainda não tivemos, em termos burocráticos, meios de designar oficialmente. Praticamente o departamento, hoje, somos eu e uma secretária.

C - O fato de o atual Estado do Rio, tendo-se originado de dois Estados que tinham suas Secretarias de Cultura, ter tido os negócios dessa área confiados a um nível de decisão de departamento não implica uma involução?

PAG - Não e lhe explico porquê: em termos práticos não ocorreu a extinção da Secretaria de Cultura. A cultura pode ser vinculada a vários campos, como os esportes ou o turismo. Sua vinculação necessária e constante, porém, é com a educação. O critério, pois, não foi de minimizar a cultura ao associá-la à educação, pois ambas estão muito mais integradas por natureza do que, por exemplo, a cultura estaria com a indústria e comércio, o turismo ou os esportes. Ao contrário do que antes havia, quando a ação cultural sofria esse tipo de vinculação permanente, hoje é prevista uma crescente integração da ação educacional com a ação cultural. Isso se fará por uma vitalização da escola e a projeção da vida da escola na comunidade de tal maneira que as escolas passem a ser elementos integrados à vida cultural comunitária.

Por um vício de tradição, por um vício de regência, por um vício de operatividade, as escolas vivem à margem da comunidade. A escola costuma ser aquele estabelecimento que recebe a criança da comunidade, ensina a ler, dá instrução e acabou. Ora, no novo projeto, no projeto da nova Secretaria da Educação e Cultura, se prevê que esse instrumental, indiscutivelmente instalado e mobilizando pessoas capacitadas, podendo até constituir lideranças comunitárias de ação cultural, será utilizado não apenas na ação educacional, como, paralelamente a esta, entrosada com esta, desenvolverá uma ação cultural que se quer intensa. Um ótimo exemplo disso é o plano de regionalização, muito vivo, através de dezesseis centros de educação, cultura e trabalho que vêm de ser criados nas chamadas capitais regionais do Estado.

RUY SAMPAIO

